

# Sumário

[Avançar para o início do texto]

*Capa*

*Folha de rosto*

*Créditos*

*Mídias sociais*

Os anos 1970

Os anos 1980

Os anos 1990

Os anos 2000

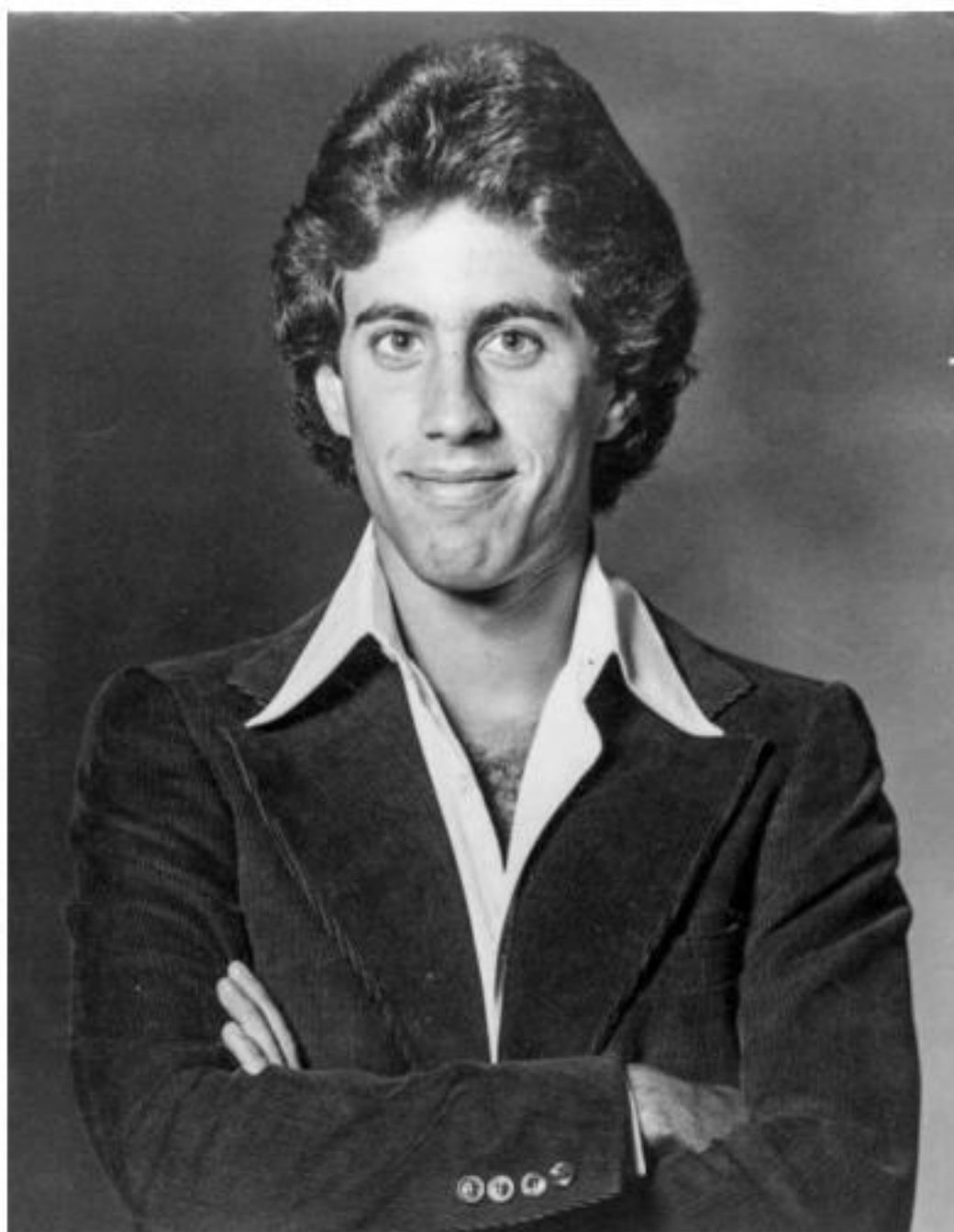
Os anos 2010

*Agradecimentos*

*Sobre o autor*

*Leia também*

# OS ANOS 1970



“Será que isso presta?” é o que todo e qualquer comediante pergunta a todo e qualquer outro comediante sobre cada nova tirada.

Ideias que vêm do nada e não significam nada.

Mas que, no mundo da comédia stand-up, podem ser verdadeiras pepitas de ouro.

Você encontra o mesmo comediante algum tempo depois e ouve a pergunta: “E aí, prestou?”

Todo comediante fica meio espantado quando alguma coisa funciona.

Imagine: eu em meados da década de 1960, no chão da sala, de pernas cruzadas, com uma tigela de cereal, a pouco mais de trinta centímetros de distância da nossa Zenith 25 polegadas, de jeans e camiseta com listras horizontais, tênis brancos de cano baixo e olhos grudados num comediante de terno escuro e gravata no *The Ed Sullivan Show*.

Eu até falava alguma coisa engraçada de vez em quando, mas tudo que saía da boca daquele cara era hilário.

*De onde eles tiram essas ideias?*

Eles me deixavam totalmente confuso e fascinado.



Mas nunca, jamais imaginei que poderia ser um deles.

Para mim, eram como astronautas ou atletas olímpicos.

Diferentes, uma outra casta de seres humanos.

Não fazíamos nem parte do mesmo mundo.



Cresci em Long Island e me lembro de em algum momento no início dos anos 1970 ouvir Vince, irmão mais velho do meu amigo Chris Misiano, falar de um lugar em Nova York onde jovens estavam subindo ao palco e fazendo um novo tipo de comédia stand-up.

Ele disse que havia um sujeito que contava histórias tocando congas ao mesmo tempo e aí começava a chorar e a batucar no ritmo do choro!

Aquilo parecia uma loucura para a gente.

Pensávamos: *A gente precisa ver esse cara!*

Começamos então a ir à cidade, o que já era incrivelmente divertido e empolgante por si só, para ver esses novos comediantes no Improv e no Catch a Rising Star.

O tal comediante, é claro, era Andy Kaufman.

E havia um monte de outros também fantásticos.

Como Ed Bluestone, Elayne Boosler, Richard Lewis, Bob Shaw e Bobby Kelton.

Vimos até grandes astros se apresentarem nesses lugares, como Rodney Dangerfield e David Brenner.

O som das gargalhadas irrompendo da plateia nesses pequenos salões lotados era quase assustador de se ouvir ao vivo.

Como os comediantes sabiam que suas tiradas fariam uma plateia de completos estranhos rir tão alto?

Eu não conseguia entender.

Foi em 1974 que dois acontecimentos dissiparam a densa névoa suburbana que envolvia minha mente e me impulsionaram rumo a um tipo totalmente diferente de vida.

Li um livro chamado *The Last Laugh* [A última risada] e vi um filme chamado *Lenny*.

*The Last Laugh*, de Phil Berger, foi o primeiro livro inteiramente dedicado ao mundo da comédia stand-up.

*Lenny* é um filme com Dustin Hoffman sobre a vida de Lenny Bruce.

No pôster, Lenny aparece curvado sobre um microfone

num clube noturno enfumaçado.

Há uma cena no filme em que Lenny Bruce está jantando tarde da noite numa cafeteria após uma apresentação que não tinha dado muito certo.

De gravata afrouxada, ainda de terno, empurra a bandeja enquanto se serve e conhece uma stripper, Hot Honey Harlowe.

Acho que essa cena foi decisiva.

A absoluta falta de glamour e/ou normalidade me deixou maluco.

Que existência totalmente peculiar e absurda.

Comediantes pareciam vagar pelo espaço e pelo tempo alheios a tudo que não fosse o som de uma risada.

*Meu Deus, pensei.*

*Eu quero fazer isso.*

*Mas...*

*E se eu não conseguir?*

*E se eu não for engraçado?*

Eu também me lembro de pensar:

*Bom, não preciso ser tão engraçado assim.*

*Só preciso ser engraçado o suficiente para conseguir comprar um pacote de pão de forma e um pote de manteiga de amendoim por semana.*

Eu poderia viver tranquilamente desse jeito.

Era só isso mesmo que eu comia na casa dos meus pais, afinal de contas.

E mesmo que minha vida se resumisse àquilo, já teria sido melhor do que qualquer outra que eu pudesse imaginar.

Eu ficaria mais do que satisfeito em ser um comediante mais ou menos em vez de qualquer outra opção que me viesse à mente.

É claro que eu não me dava conta disso na época, mas esta é a atitude perfeita para se lançar no universo da comédia.

Não crie expectativas. Aceite tudo.

Até então eu só havia tentado fazer meus amigos rirem.

E aquilo já não era tão fácil.

Como é que se consegue fazer rir quem a gente nem conhece?

Li em *The Last Laugh* sobre uma piada que Jimmie Walker contou certa noite no Catch a Rising Star.



A propósito, que nome maravilhoso para uma casa noturna dedicada a novos comediantes!<sup>a</sup>

É até hoje o melhor nome que já ouvi.

E o clube mais legal onde já pus os pés.

Fico feliz que tenha sido o primeiro lugar onde subi num palco para tentar a sorte na comédia.

Enfim, a piada de Jimmie Walker era que chovia tão forte em Nova York naquela noite que ele tinha acabado de “ver o Super-Homem pegando um táxi”.

Achei aquela piada muito simples, mas incrivelmente engraçada.

Mas como é que alguém pensa em algo assim?

Aquilo parecia um milagre para mim.

Até hoje não sei exatamente de onde vêm as piadas. Acho que de algum coquetel emocional de tédio, agressividade, intensa percepção visual e uma espécie de massinha de modelar mental que nos permite pegar o que vemos e transformar no que queremos que seja.

Eu ficava muito, muito nervoso quando comecei a subir nos palcos.

Mas Jesse Michnik, Joe Bacino e Mike Castanza, que eram meus amigos do Queens College, me davam força.

Até hoje sou grato a esses caras.

Eu não era naturalmente extrovertido e não tinha qualquer necessidade de chamar a atenção.

O que eu mais gostava de fazer era sussurrar algo engraçado para algum colega que estivesse perto de mim na sala de aula, fazendo ele gargalhar do nada e se ferrar com os professores.

Tentei participar de algumas peças no colégio e na faculdade, mas só conseguia manter o interesse quando as cenas eram apenas de humor.

Também levei várias broncas por tentar fazer graça em cenas que eram para ser sérias.

Eu adorava fazer isso.

Mesmo nos primeiros anos de *Seinfeld*, eu tinha dificuldade de me concentrar em aspectos da trama da série.

Só me animava quando Larry e eu escrevíamos os diálogos e precisávamos de falas engraçadas para os personagens.

Com o passar dos anos, fui melhorando nos fundamentos que estruturam o enredo, mas continuei a achar essa parte do trabalho meio sem graça.

Mas aos vinte anos, quando comecei a frequentar os clubes de comédia de Manhattan, cada neurônio do meu pequeno cérebro estava a todo vapor.

Minha sensação era a de finalmente ter encontrado meu lugar no planeta Terra.

E não só por poder me inserir na arte da comédia, mas também por ter passado a fazer parte do mundo dos comediantes.

Tenho vários grandes amigos que são atores, roteiristas e artistas de vários tipos.

Mas, quando estou na companhia de outros comediantes de stand-up, a sensação é a de estar rolando em meio a uma ninhada de cachorrinhos.



Até hoje sinto esse mesmo entusiasmo ao entrar num clube de comédia.

E devo dizer que, em parte, também tenho a sensação de que qualquer lugar onde comediantes estejam trabalhando é um campo de batalha.

Sou totalmente apaixonado pelo claríssimo efeito de “tudo ou nada” inerente a uma performance de stand-up.



Em certos aspectos, stand-up é mais esporte do que teatro.

Talvez dê certo hoje.

Talvez não.

O verdadeiro problema, claro, é ter que justificar constantemente o fato de ser o único a falar num salão onde todos os demais estão sentados em silêncio.

E, no início, o simples ato de se colocar nesta posição — convenhamos — insustentável já é em si a confirmação de um amor febril, louco, talvez até triste.

Extrair risadas no calor do momento é coisa de doidão.

Adrenalina, dopamina, ocitocina.

A farmácia do cérebro nunca pede receita.

É como aquelas iogurterias em que deixam você mesmo apertar a manivela.

A ocitocina às vezes é chamada de “droga do amor”, pois o cérebro a libera ao receber estímulos sociais e/ou amorosos positivos.

E, vou te contar, estar sozinho num palco

sob o calor das luzes,



com um microfone ligado,

e aquelas risadas ressoando ao seu redor,

é como uma dose forte e pura daquilo que você sempre quis.

Na infância, eu era obcecado por automobilismo, surfe de ondas gigantes, paraquedismo e motocicletas velocíssimas.

Bastou um ano de comédia stand-up para perder o interesse por tudo isso.

Aprendi muito rápido que a sobrevivência nesse mundo tem tudo a ver com a quantidade e a qualidade do seu material.

Nunca conheci um comediante de stand-up que fosse totalmente sem graça.

Mas quem continuava ascendendo cada vez mais era quem dava a vida para continuar a apresentar um material novo de qualidade.

E sempre que eu conseguia bolar algo engraçado, fosse em pleno palco, em meio a uma conversa ou trabalhando em meu meio preferido, um grande bloco amarelo, guardava a novidade em uma daquelas pastas sanfonadas.

Portanto, tudo que um dia achei valer a pena separar, ao longo de 45 anos de trabalho incansável, está guardado comigo.

E tenho certeza de que foi por amar tanto meu ofício que fui capaz de dedicar tanto tempo a algumas das ideias mais bobas que você possa imaginar.

E todas elas estão aqui.



Olhando para trás, me dá muita satisfação ter sido bem-sucedido.

Fico feliz de ter ganhado dinheiro com isso.

Mas, sinceramente, juro que embarquei nessa em nome das risadas desde o primeiro dia, o segundo e todos os outros, inclusive hoje.

Continuo indo aos clubes toda semana.

Continuo amando burilar meu material.

E valorizo cada apresentação que faço.

E ainda fico empolgado ao conhecer e conversar com os outros comediantes de stand-up que vivem em nome dessa existência peculiar e precária.

Foi meu agente Christian Carino quem me convenceu de que as pessoas gostariam de ver este material e que deveríamos lançá-lo em um livro.

Muita gente com quem falei pareceu surpresa por eu ter guardado todas essas anotações.

Não entendo por quê.

Não entendo por que guardar qualquer outra coisa.

O que poderia ser mais valioso?



Nos anos 1960 e 1970, falava-se na TV sobre certos comediantes:

“E ele escreve o próprio material.”

Porque se tratava de algo novo.

Comediantes como Bob Hope e Jack Benny chegavam a incluir piadas sobre seus roteiristas em seus números.

Nos anos 1960, a comédia stand-up mudou de rumo da mesma forma que a música. Nesse caso, cantores-compositores passaram a ser a norma.

Nunca trabalhei de outro jeito.

Acho que há algo de estimulante em estar no mesmo

ambiente em que a pessoa de cuja cabeça saíram todas as ideias que você está ouvindo.

Meu amigo Barry Marder conta uma de minhas histórias favoritas sobre comediantes de stand-up.

Barry é roteirista, comediante e criador do personagem Ted L. Nancy.

Na década de 1980, ele ganhava a vida vendendo piadas para comediantes na Comedy Store, em L.A.

Ele cobrava 75 dólares por piada.

Quando o pai de Barry, um vendedor de materiais de construção, ficou sabendo, mal conseguiu acreditar.

“Por que alguém pagaria tanto por uma piada?”, perguntou ele.

“Porque quem precisa precisa *muito*”, respondeu Barry.

E precisamos mesmo.

Posso garantir: no fundo, todo comediante que você já viu se apresentar acha que o próprio material não é tão bom quanto ele gostaria que fosse.

Os maiores comediantes que você pode imaginar ainda sobem ao palco com a ligeira preocupação, bem lá no fundo, de que o público não vá gostar do que quer que eles tenham para aquela noite.



Sempre queremos mais.

Amo profundamente o esforço interminável e um tanto aflitivo de jamais considerar meu número plenamente amarrado.

Pois não quero que fique pronto nunca.

E quando uma nova tirada se impõe e arranca boas risadas, a sensação é a de ter retornado ao início da jornada.

A sensação é a de estar começando.

E talvez você tenha de fato talento.

Amo ouvir uma risada que até então não existia no mundo.

Pois cada risada é ligeiramente diferente. Singular até.

Estas páginas, portanto, são o mapa da estrada de 45 anos que percorri para me tornar essa coisa estranha, incomum, a única que sempre quis ser.

E gostaria de poder recomendar esta experiência a vocês.

Mas é como sugerir a alguém que se torne uma iguana.

Sem os olhos insanos, a pele curtida e a língua comprida, fica difícil chegar lá.



Mas espero que curtam embarcar neste passeio que tem sido a minha vida ao longo destas páginas.

Só fico um pouco frustrado porque, se alguém rir de algo que leu aqui, não terei como ouvir.

Por isso hoje à noite devo estar num clube em algum lugar, diante de uma plateia.

“Porque quem precisa precisa *muito*.”

## **Carrinhos de bate-bate**

Outro dia muito animado da minha infância foi quando fomos brincar nos carrinhos de bate-bate.

É num carrinho de bate-bate que você descobre se tem fibra de verdade.

Uma disputa brutal entre homem e máquina.

Dirigir como um ato de pura hostilidade.

Puro confronto, nenhum destino.

Se bem que é só começar a brincadeira que sempre aparece alguma criança presa no meio de um monte de carrinhos vazios.

Não consegue sair.

É o mesmo garoto que depois está lá com o funcionário pendurado em cima do carrinho, ajudando ele a dirigir.

Sempre me sinto mal quando bato em alguém que não conheço.

Fica muito parecido com um acidente de verdade.

Eu saio do carrinho, anoto a placa.

Checo o estrago.

Sempre tem alguém que se entusiasma um pouco demais.

Alguém que vive pela sensação do impacto.

Você vê que é aquele cara com a baba escorrendo no queixo.

Enfiando pai e filho de cara no muro, coitados.

## **Bolas de algodão**

Eu gosto de mulheres.

Mas acho banheiro de mulher o lugar mais assustador do mundo.

Nem quero ver como seria tudo aquilo funcionando ao mesmo tempo.

Tem aquele espelho para elas se maquiarem.

Com aquelas luzes de avião aterrissando, uma de cada lado.

As fileiras de bobs quentes naquela cúpula de plástico.

Aquilo se coloca com a mão ou você lança direto da caixa?

Como se fossem pequenos mísseis.

Imagino que, uma vez que os bobs estão no cabelo, dê para assar batatas com aqueles trecos pontudos.

Muitas bolas de algodão também.

Mulher usa muitas bolas de algodão.

MUITAS bolas de algodão.

O que eu não entendo é o seguinte: eu nunca precisei de uma bola de algodão.

Nunca.

Nem uma vez na vida.

E eu também sou um ser humano.



Como é isso?

Nunca quis uma bola de algodão.

Nunca comprei uma bola de algodão.

Nunca tive uma bola de algodão.

Nunca estive numa situação em que tenha pensado:  
*Uma bola de algodão cairia bem agora. Certamente me tiraria dessa enrascada.*

Mulheres precisam delas.

E não é de uma ou duas.

Precisam de milhares, todo santo dia.

Elas compram em sacolas, tipo aqueles sacões de musgo.

Com umas alças de aço.

São despejados no quintal com uma empilhadeira.

Dois dias depois, elas terminam de usar tudo.

E voltam à loja para comprar mais bolas de algodão.

Nas únicas vezes em que eu as vejo, há sempre duas ou três no fundo da cestinha de lixo, que parecem ter passado por alguma experiência horrível.

Torturadas, interrogadas.

Sei lá o que vocês fizeram com elas.

Uma mulher certa vez deixou três bolas de algodão lá em casa.

Levei um ano para me livrar delas.

Joguei uma no chão da cozinha.

Achei que de repente as baratas veriam.

Confundiriam com um rolo de feno e diriam:

“Essa cidade acabou, vamos embora.”

Ou então eu ia ao médico.

Antes de darem a injeção, eles passam álcool no seu braço com uma bola de algodão.

Quando ele ia pegar uma, eu dizia:

“Quer usar essa aqui? Na boa, doutor, quebra esse galho. Estou tentando acabar com elas.”

Às vezes ele usava.

Me dava um centavo de desconto na conta.

Aí me dava o remédio.

Eu levava para casa.

Abria o frasco.

Outra bola de algodão lá dentro.

O Sindicato das Bolas de Algodão estava sempre um passo à frente.

## **Cachorros em carros**

Adoro levar meu cachorro para passear de carro.

Só que é sempre uma confusão nas curvas.

Ele não entende a lei da inércia.

As patas ficam tensas e trêmulas.

*O que tá acontecendo aqui...? O que é isso?*

Ele não sabe se levanta ou se fica sentado.

Cachorros gostam de carro porque, quando vistos de fora, parecem uma pessoa normal sentada do seu lado.

Eles se sentem iguais.

Nos olham, pensam:

*Isso é legal.*

*Assim que é bom.*

*Acho que a gente devia se sentar junto assim o tempo todo.*

Mas em cada curva ele desaparece de vista.

Até conseguir se levantar de novo.

Não entendo por que cachorros sempre enfiam a cabeça para fora da janela.

Acho que imaginam:

*Se eu pudesse correr rápido assim, seria o Rei dos Cachorros.*

Quando você leva seu cachorro para passear e ver o mundo lá fora, ele fica impressionado com tudo o que você é capaz de fazer.

A qualquer hora do dia em que você sinta fome, é só parar em algum lugar e sair de lá com um hambúrguer.

Isso deixa eles impressionados.

Ficam olhando para você com aquela expressão:

*Onde você conseguiu isso...?*

*Não são cinco e meia.*

*Estamos no meio do dia.*



*Como você ganhou comida?*

*Esse troço que você está comendo é a coisa mais maravilhosa que eu já vi.*

A grande diferença entre o homem e o animal é uma só: bolsos.

Não é o polegar opositor.

São os bolsos.

Cachorros cavam o chão porque eles estão tentando fazer bolsos.

É isso que impede o reino animal de avançar.

Talvez você diga:

“Então por que o canguru não é a espécie mais avançada? Eles têm bolsos.”

É verdade.

Mas eles também têm aqueles bracinhos que não alcançam os bolsos.

“Eu tenho dinheiro para fazer compras.

Só não consigo pegar.”

## **O cereal da vida**

Arrogância.

Arrogância demais.

Em todos os lugares.

Até na indústria alimentícia.

Quem nesse mundo tem o desplante

de chamar um cereal de café da manhã de LIFE [vida]?

O que é que eles enxergam naquele cerealzinho quadrado de aveia para pensarem em batizá-lo com o nome da nossa própria existência?

“Que tal Aveítos, Quadraditos, Marronzitos?”

“Ah, não! Isso é algo muito maior.

Isso aqui é VIDA, estou te dizendo.

É VIDA.”

Que outros nomes eles teriam considerado?

“Deus Todo-Poderoso”, talvez?

Vai ver esteve no páreo.

Quem não iria querer, logo ao acordar, um tigelão de

“Deus Todo-Poderoso”?

Ou o novo “Deus Todo-Poderoso com Passas”?

Quem não gostar que vá para o inferno.

## **Espelho de periquito**

Minha mãe vivia me falando sobre tudo o que pretendia fazer na sala.

Essa era a obsessão dela.

Ela ia dar um jeito na sala.

“Quero mudar essa sala.”

Minha mãe dizia assim:

“Sabe, se a gente puser um espelho numa parede da sala, as pessoas vão achar que ela dobrou de tamanho.”

Ela acreditava nisso.

Que espécie de idiota caminha na direção de um espelho pensando:

*Ih, olha lá, tem uma outra sala. E tem um cara nela igualzinho a mim!*

Meu periquito caía nessa.

Eu deixava ele sair da gaiola.

Ele saía voando e “BUM!”, direto no espelho.

Com aquela cabecinha tão macia na frente.

E as penas saíam voando.

Ele caía no chão.

E depois saía voando meio zozzo na direção contrária.

Mas mesmo que ele ache que o espelho é outra sala, por que pelo menos não tenta evitar trombar com o OUTRO periquito?

“Olha lá! Sobe!”

Cadê a perspectiva aérea e essas coisas que os pássaros têm?

Tem outro periquito vindo na sua direção!

## **Os trilhos do bonde da ilha Roosevelt**

Vi que acabaram de colocar os trilhos do bonde da ilha Roosevelt.

Que legal...

A cidade indo à falência,



e eles montando um brinquedo novo.

Daqui a pouco vão colocar uma montanha-russa no sul do Bronx.

Vai ser a primeira montanha-russa do mundo em que as pessoas vão gritar mesmo é quando estiverem na altura do chão.

## **A série de TV do Super-Homem**

Pra mim,

quando eu era criança,

a série do Super-Homem era provavelmente a melhor já produzida em toda a história da televisão.

Já viram aquilo depois de velhos?

A gente fica pensando: *Será que eu ficava louco todo dia por meia hora?*

Não há na série inteira um milésimo de segundo verossímil.

*O Planeta Diário*. O jornal.

O periódico de maior circulação em toda a cidade.

Eles só tinham três repórteres.

A cada semana, dois deles acabavam amarrados numa caverna em algum canto.

Sempre quis que o Super-Homem um dia chegasse para a Lois e o Jimmy:

“Olha só, vocês não estão ajudando em nada. Só complicam o meu trabalho. Dá para vocês deixarem eu cuidar dos meliantes? Na boa, eu dou conta.”

O Super-Homem e o Clark Kent são a mesma pessoa.

Mas ninguém sabe por causa da identidade secreta.

Qual é o disfarce?

Um par de óculos.

Só isso.

Nenhuma outra diferença entre aqueles dois rostos.

Jimmy Olsen e Lois Lane. Jornalistas profissionais.

Capazes de observar e analisar cada detalhe do seu entorno.

Não percebem semelhança alguma.

Aos olhos treinados dos dois jornalistas, Clark e Super-Homem são duas pessoas totalmente diferentes.

Se um amigo seu compra um par de óculos novo...

Por um acaso fica impossível reconhecê-lo?

Não tinha nem lente na armação dos óculos do Clark Kent!

Ele enfiava o dedo no meio dos óculos para coçar o olho!

E o uniforme de super-herói que o Clark Kent usava debaixo da roupa de trabalho?

A gente via ele rasgar a camisa.

E as botas de Super-Homem?

Elas ficam dentro dos sapatos? Como é que isso funciona?

“Ih, o Clark está usando de novo aquelas meias de couro vermelhas.”

Jimmy Olsen nunca desconfiou de nada vendo o Clark Kent no banheiro masculino?

(Mijando na clássica pose de Super-Homem, com os punhos na cintura.)

## **Canhoto**

Escrevo com a mão esquerda. Sou canhoto [left-handed].

*image  
not  
available*



Não sei por que ternos projetam tamanha imagem de poder.

Por que eles intimidam tanto?

“Melhor fazer o que esse cara está dizendo, a calça dele combina com o paletó.”

Homens amam tanto seus ternos que chegamos a conceber pijamas que parecem terninhos.

Três botões à frente.

As lapelas pequenas.

Bolso no peito da camisa.

Para quê?

Você bota um lápis ali dentro.

Se vira na cama no meio da noite.

Acaba se matando.

## **Apetite estragado**

Em dado momento, eu queria muito ser adulto.

Eu não tinha condições de montar mais um aviãozinho de madeira sequer.

*image  
not  
available*

“Ei, o que esse produto leva?

Jimmy, deixa eu só ver os ingredientes desses quebra-queixos.

Corante artificial não é a melhor coisa pra ingerir, sabe?”

Crianças pensam:

*Só 25 centavos pelo risco de ter uma lesão séria?*

*Vale a pena!*

## **Caminhada pela sapataria**

Acho que sapatos são uma das coisas mais difíceis de comprar.

É só observar uma vitrine de sapataria...

Dá para ver que o pessoal está com dificuldades.

Cenhos franzidos...

Contemplando o infinito.

Quando experimentamos um par novo de sapatos e caminhamos pela loja, por que sempre fazemos aquele olhar vazio de zumbi?

(caminhando devagar)

*image  
not  
available*



Há duzentos anos não se envolve numa guerra.

Que sorte.

Já viram um canivete suíço?

Saca-rolhas, abridor de garrafa, lixa de unha.

Você não vai querer ir para a guerra com um negócio desses.

A menos que seja a Guerra dos Jantares, você não tem chance alguma.

“Meu irmão, calma aí...

se você conseguir passar por mim, o cara logo atrás tem uma colher.

Saquei o cortador de unhas. Para trás!

Espera pra ver se eu não corto bem rente essa sua unha do mindinho!

Vai levar três semanas pra crescer de novo.”

## **Aula de educação física**

Academias deveriam ser que nem aula de educação física.

*image  
not  
available*

É impossível perder esse emprego.

Por pior que você faça o trabalho.

Eu sabia que o meu pai jamais iria me chamar e dizer:

“Olha, filho, você não está se esforçando o suficiente ao cortar a grama.

Eu sei que você foi nosso filho por quinze anos.

Mas sinto muito, vamos ter que dispensá-lo.

Não se sinta mal.

Estamos fazendo vários cortes de despesas pela casa.

O cachorro agora só vem três vezes por semana.

No último piquenique, ele deixou passar alguns frisbees.

Tivemos que cortar a carga horária dele.”

## **A parede da mamãe**

Minha mãe adora uma parede.

Está sempre olhando para as paredes.

Pensando nas paredes.

Aperfeiçoando as paredes.

*image  
not  
available*

Minha ideia é a seguinte:

Eu entro num avião, ele sobe a milhares de pés.

Aí eu me jogo lá de cima.

*Tento* operar o paraquedas direito

e evitar despencar para uma morte quase certa.

... Vocês me emprestam 75 paus?”

## **Cavalinhos vermelhos de metal**

A única opção para crianças quando eu saía com os meus pais

eram uns cavalinhos vermelhos de metal que ficavam nas calçadas.

Não era exatamente um brinquedo desses de parque de diversões.

Era como se fosse um pedaço de brinquedo misteriosamente solto de um brinquedo de verdade.

Ninguém fazia “Uhuuuuul!” nesses troços.

O cavalinho só balançava para a frente e para trás por 45 segundos.



*image  
not  
available*

Tenho uma irmã mais velha que é casada.

No início foi difícil, mas já me acostumei.

É um choque quando um irmão ou uma irmã diz que vai se casar.

Você, que conhece eles,

jamais imaginaria alguém querendo se casar com aquelas pessoas.

Fui apresentado ao cara.

Falei para ele:

“Deixa eu ver se entendi.

Por livre e espontânea vontade, você vai passar o resto da vida com a minha irmã?

Olha só, preciso te falar uma coisa:

Já fiz isso que você vai fazer.

É um erro crasso.

Já tentou pegar um disco dela emprestado?

Já passou uma viagem de carro inteira com ela no banco de trás?

Você vai precisar de uma linha imaginária.

*image  
not  
available*

## **Papel higiênico com chapeuzinho**

Fui criado no tipo de família em que

a mãe sempre deixa um rolo de papel higiênico extra em cima da tampa da descarga

e coloca em cima um chapeuzinho de tricô com um pompom.

Eu não sabia se era para ninguém reparar no rolo extra

ou se minha mãe achava que até o papel higiênico tinha vergonha de ser o que é.

Mas enfim, o papel higiênico tinha chapéu, o cachorro tinha um suéter

e os braços do sofá tinham umas capinhas de tecido.

Deve ser por isso que jamais me interessei por drogas na juventude.

A realidade já era viagem pura.

## **Vida de periquito**

Para mim, o estilo de vida ideal é o dos periquitos.

Eles têm o apartamento mais funcional possível.

Um quarto bem ventilado com vista para o jornal.

*image  
not  
available*



Como assim?

Agora você pode chamar as coisas pelo nome que quiser?

Dá para chamar leite de “sapato”?

Você abre a caixa.

Despeja tudo nos pés.

“Opa... isso aqui não é um sapato...”

Mas que porra...?”

## **Sugestão de consumo de cereais**

Na frente da embalagem de cereais sempre há aquela foto perfeita.

E por alguma razão sempre há, bem ao lado, o termo “sugestão de consumo”.

Tipo:

“Não vamos insistir para você usar uma tigela.

É só uma sugestão...

Come num chapéu se quiser...

O leite?

*image  
not  
available*

“Comprove!”

“Alto lá. De quem é esse cereal?”

Só recortar e enviar os cupons não serve mais?

A Kellogg's tem se deparado com muitas falsificações?

“Jim, passa esses cupons de Cocoa Puffs pelo raio X outra vez.

Fiquei meio cismado com esse menino Tommy Wilson.

Se ele acha que vai me enrolar de novo como fez com aqueles bonequinhos de chumbo da Guerra Civil, está muito enganado!”

## **Chega de piadas**

Creio que a grande questão a essa altura da noite seja:

quando é que vocês vão embora?

Eu sei, é uma decisão difícil.

“Mais um cara?”

Vamos ver se o próximo é bom, se não for a gente vai embora.”

Em um restaurante,

*image  
not  
available*

Elas nunca levam o parceiro.

“Essa é a *minha* chance.

Não aguento mais as pessoas achando que nós somos iguais.”

A porta da secadora se abre.

A meia se espreme contra a parede lateral...

(braço tateando)

“Tem que estar aí dentro...”

Às vezes ela se agarra a um suéter.

Ganha tempo.

E corre pra rua...

(música de perseguição)

“Tananáãã... tananáãã...”

Como poderá uma meia sozinha sobreviver neste mundo?

De que forma?

Num taco de golfe?

Num show de fantoches?



*image  
not  
available*

Todo mundo precisa saber onde ela está?

“Vivian está comendo um x-salada na esquina.”

“Vivian está fazendo placas de carro em Coxsackie.”

## **Cartório**

Esse povo de cartório se acha.

Eles e seus carimbinhos especiais.

“Preciso autenticar isso aqui.”

“Pois é, mas o tabelião saiu.

O senhor vai ter que esperar.

NINGUÉM MAIS está autorizado.”

Só O Tabelião tem o poder, a habilidade, o treinamento para sacar seu carimbo e fazer

“Tum. Tum.”

Às vezes dá vontade de arrancar aquilo da mão do cara e falar assim: “Pronto, eu tenho o poder agora!

Viu só?

*image  
not  
available*

Vamos levar logo para não ter que fazer duas viagens.”

## **Segurança visual**

Um amigo meu estava preocupado com a possibilidade de roubarem o rádio do carro dele.

Por isso ele botava uma toalhinha no painel para cobri-lo.

Certamente nada nesse mundo faz gelar mais o sangue de um criminoso

do que ver aquele paninho de prato.

Se for daqueles com uma franjinha, então...

Eles se pelam de medo.

Correm tremendo para suas cavernas secretas.



Todos nós vamos ser roubados.

Nós achamos que não.

Todos temos nossas pequenas manias de segurança.

Acreditamos que assim vamos despistar os meliantes.

*image  
not  
available*



Vão tentando os orelhões todos.”

## **Tudo bem virar à esquerda**

Placas de trânsito costumam ser bem diretas.

“Mão única.”

“Proibido virar à esquerda.”

“Contramão. Volte.”

Mas acho que a minha favorita é:

“Ok virar à esquerda.”

Essa tem um toquezinho pessoal.

“Virar à esquerda... tudo bem.”

É tipo:

“A gente não curte muito isso de você fazer a curva para a esquerda...”

Mas tudo bem.

“Acredite, tem quem faça muito melhor.”

Acho que várias dessas placas deviam se soltar um pouco mais.

*image  
not  
available*

se preparando para o dia da sua demissão.

Um amigo meu está recebendo seguro-desemprego.

Esse cara nunca trabalhou tão pesado na vida dele para garantir algo.

Está lá toda semana, esperando na fila,

sendo entrevistado, inventando um monte de mentiras sobre procurar empregos.

Se soubessem o esforço que ele faz para evitar trabalhar,

tenho certeza de que lhe dariam um aumento.

Nunca vi alguém se sair tão incrivelmente bem em não trabalhar.

### ***The New York Times***

A primeira página interna do *The New York Times* é uma visão estranha do mundo.

Sempre é ocupada por um anúncio glamoroso de moda de página inteira.

Bem ao lado de uma matéria sobre opressão no Terceiro Mundo.

*image  
not  
available*

E juiz de luta livre?

Trabalho dos sonhos.

Você é juiz num esporte que não tem regra nenhuma.

Não tem como dar errado.

O juiz é que nem o Larry dos Três Patetas.

A gente não precisa dele pra nada, mas não seria a mesma coisa sem ele.

Eles devem conseguir esses caras no mesmo lugar dos Harlem Globetrotters.

Deve existir uma escola onde ensinam você

a só meio que correr por aí e não reparar em nada.

Você se senta

e eles te mostram a cena dos assassinatos em *O Massacre de Chicago*.

Se você não encontrar nada de ilegal ali, está contratado.



Minha parte favorita da luta livre é quando eles tomam impulso nas cordas

*image  
not  
available*



## Tempo poupado

Todos nós tentamos poupar tempo.

Temos lá os nossos atalhos.

Mas não importa quanto tempo você poupe nessa vida:

quando ela chega ao fim, não há tempo extra armazenado.

Aí você reclama:

“Como assim, meu tempo acabou?”

Minha camisa não precisava passar,

meu tênis era de velcro,

a gravata era com prendedor,

Cadê esse tempo todo, onde foi parar?”

Não está lá.

Isso porque, se você desperdiçar tempo na vida, eles descontam.

Tipo, se você assistir a *todos* os filmes do Rocky, isso é descontado.

Então é bom tomar cuidado.

*image  
not  
available*

reunião importante?

Vai tirar um cochilo na reunião?

Precisamos decidir para onde achamos que essa gente está indo.

## **Vendas telefônicas**

Um dos meus primeiros empregos foi vender lâmpadas por telefone.

Sério.

Minha primeira lição foi:

o mundo não precisa de vendedores de lâmpadas por telefone.

Não tem tanta gente assim sentada no escuro em casa:

“Não aguento mais.

Se alguém não telefonar logo...”

## **Fotos da família na mesa do trabalho**

Por que funcionários de escritório

colocam fotos da família na mesa de trabalho, olhando

*image  
not  
available*

## **Encontro/entrevista de emprego**

Gosto de encontros porque gosto da tensão.

Hoje, aqui neste salão, tem gente saindo com alguém.

Estão sentindo...?

Aquela tensão de um encontro.

O que é um encontro senão uma entrevista de emprego que dura a noite inteira?

A única diferença é que são raras as entrevistas de emprego

em que você pode acabar pelado ao fim.

“Bem, Jim, o chefe acha que você é o cara certo pra essa vaga.

Tira toda a sua roupa, então, pra gente te apresentar algumas pessoas com quem você vai trabalhar...”

## **Cinema**

Estava pensando em ir ao cinema hoje à noite.

Só não consegui me decidir se quero ir a uma “sala especialmente selecionada”

ou a um “cinema perto de você”.

*image  
not  
available*



Distribuir pelo escritório.

“Poxa, obrigada... como é que você consegue tantos?”

“Tenho meus métodos.”

“Uau, aquele cara tem muito sabonete mesmo.”

“Sim, ele é o máximo.”

## **Banheiro masculino**

Eu odeio banheiro masculino.

Tenho certeza de que, se eu encontrar um daqueles homens fora dali,

vou considerá-lo uma pessoa cativante, agradável.

Mas ali dentro é um nojo, um lugar repugnante.

E ali dentro todo homem é uma criatura gosmenta, perniciososa, doentia.

Uma criatura que você não quer ver, com quem não quer se relacionar nem interagir de maneira nenhuma.

Vale para qualquer um ali dentro.

A gente não usa nem as mãos ali.

Os homens entram e começam a operar tudo com os

*image  
not  
available*

## **Na doença**

A melhor hora para se estar com alguém é na doença.

E a melhor hora para se ficar doente é durante um relacionamento.

Quando eu me casar, acho que não vou precisar daqueles votos todos.

“Na doença” já basta.

Isso é o que mais importa para mim. A minha cerimônia inteira de casamento será assim:

“Você promete estar com este homem na doença?”

O resto do tempo, pode sair, se esbaldar, pode fazer o que quiser.

Mas no instante em que a minha temperatura subir, é bom você estar por perto.

## **Ter filhos**

Gostaria de ter uma família algum dia.

Se bem que é difícil eu me imaginar como chefe de família,

já que minha vida, nesse momento, se resume a zanzar

*image  
not  
available*

Tem gente que anda por aí com meia bunda para fora da calça e ninguém reclama.

Ninguém diz:

“Ei, senhor, essa calça jeans é compacta, aqui não pode isso, não!”

- a. “Apanhar uma estrela em ascensão”, em tradução livre. [N. do T.]
- b. O humor desta piada depende de um jogo de palavras com “left” (esquerdo ou esquerda) que só faz sentido em inglês. A piada no original é a seguinte: The Left Bit: I’m left-handed. Left-handed people do not like that the word “left” is so often associated with negative things. Two left feet. Left-handed compliment. Bad ideas are always “out of left field.” What are we having for dinner? Leftovers. You go to a party, nobody’s there. “Where’d everybody go?” “They left.” (N. do T.)
- c. Facial Quality é uma marca de papel higiênico não comercializada no Brasil. O final da piada tem também uma tirada intraduzível. O garoto estaria perguntando ao outro se tem um fósforo (“Got a match?”). “Match” também significa “par”, “combinação”, e a tradução transforma o que, no original, eram uma pergunta e uma resposta em apenas uma tirada infame. (N. do T.)

*image  
not  
available*





Esse, portanto, foi o tiro de partida da minha vida de comediante nos anos 1980.

Eu já sabia que uma boa apresentação num talk show na TV não seria nem de longe o suficiente.

Mas já fazia muito tempo que aquele era meu único interesse na vida, e que eu decidira focar nele.

Claro, eu já havia tido outras experiências. Mas todas sempre me pareceram banais se comparadas à vida na comédia.

Muitos e muitos anos se passariam até eu começar a considerar a possibilidade de haver outros aspectos importantes na experiência humana que não fossem piadas de stand-up.

A possibilidade.

Ainda estou pensando a respeito.

Pode deixar que eu aviso vocês.

## **Conversa fiada amistosa de piloto**

Acho que já ouvi toda a cota de conversa fiada amistosa de piloto

*image  
not  
available*

“Senhores passageiros, teremos que permanecer por algum tempo em solo.

É que... ai, meu Deus, que vergonha... Eu... eu esqueci a chave do avião em casa.

Está lá naquele cinzeiro azul que fica do lado da porta da sala.

Mil desculpas. Vou até lá correndo e já volto.”

E a gente vê os técnicos lá embaixo correndo de um lado para o outro.

Você acha que estão fazendo reparos no avião.

Na verdade, estão é vendo se esconderam alguma chave reserva debaixo da asa.

## **O show dos equipamentos de emergência**

Aí vêm as aeromoças.

Que têm sempre que fazer aquele show dos equipamentos de emergência.

Uma lê.

A outra interpreta.

*(cantando)*

*image  
not  
available*

É que eu gosto daquele lugarzinho.

É como se fosse o seu próprio apartamentinho dentro do avião, não é?

Você entra, fecha a porta, dali a um segundo acende a luz.

É como uma pequena festa-surpresa.

Eu gosto de um mundo pequenininho.

Piazinha, sabonetezinho, espelhinho.

E um buraquinho para enfiar lâminas usadas.

Quem é que faz a barba no avião?

E tanta barba

que chega a gastar a lâmina.

Será que o lobisomem pegou o voo?

Quem mais se barbearia tanto?

“Argh!.... clique, clique (troca de lâmina)... argh!”



Eu adoro também aquele aviso:

“Em respeito ao próximo passageiro, por favor, seque a

pia com sua toalha.”

Bem, todo dia é dia para se superar e fazer o seu melhor.

Uma pena eu ter me esquecido de trazer a escova para limpar a privada.

Quando foi que começou a existir essa Irmandade dos Passageiros?

“Perderam sua bagagem?

Aqui, pode ficar com a minha!

Somos todos passageiros, estamos juntos.

A propósito, o banheiro estava do seu agrado?

Não encontrei o purificador, senão tinha deixado aquela latrina brilhando!”

## **Sanduíche de atum de aeroporto**

Será que as lojinhas do aeroporto fazem alguma ideia dos preços das coisas em todas as outras partes do mundo?

Ou será que elas se acham donas de um pequeno país à parte?



Um lugar onde elas podem cobrar o que quiserem!

“Quer um sanduíche de atum? Custa 28 dólares.

Não gostou, pode voltar para o seu país.”

Para mim todo esse complexo de aeroportos e companhias aéreas é um grande esquema só para vender sanduíches de atum.

E esse lucro é o que sustenta toda a indústria da aviação.

Os aviões poderiam voar vazios e ainda assim eles lucrariam.

Os terminais, os aviões, os estacionamentos, as lojas de presentes...

Tudo é só para nos distrair. Pra gente não se dar conta do roubo que é o preço do sanduíche de atum.

## **Raio X de aeroporto**

Mas ao menos eu me sinto seguro em aeroportos.

E acho que a principal razão é o pessoal altamente qualificado que trabalha nas máquinas de raio X.

Que esquadrão fantástico de pessoas experientes e motivadas.

O jeito certo de se montar um esquema de segurança no aeroporto é o seguinte:

à frente de todo o resto, a mulher baixinha e gordinha de uniforme justo.

Ela é a sua primeira linha de defesa.

Com aquela calça tão apertada que o velcro acima do zíper se soltou

e dá para enxergar as travas de metal do zíper aguentando firme, desesperadas.

Aí você põe a mala na esteira.

E ela entra naquele pequeno lava-jato de bagagens.

E logo do outro lado fica aquele outro gênio olhando para a telinha de TV do raio X.

Este Einstein escolheu como ganha-pão passar catorze horas por dia em frente a uma tela de raio X.

Já olhei uma vez para aquela tela.

Não consegui identificar objeto nenhum.

Mas ele está lá:

“O que é aquilo? Um secador de cabelo com um telescópio na ponta?”

Acho que tudo bem... vamos seguir em frente.

Alguma espécie de vela em formato de bola de boliche?

Beleza, sem problemas, a fila precisa andar.”



*O que* eles fariam caso se deparassem com terroristas de verdade?

Jogariam aqueles baldinhos de pipoca azuis na cabeça deles?

“Ei! Para de sequestrar aviões!”

Provavelmente pediriam ao cara para tentar passar de novo pelo detector, desta vez *sem* a metralhadora.

“Deve ter sido isso que fez o alarme disparar.”

E aí devolveriam a metralhadora para ele do outro lado.

“Sem problema, deve ter sido o cinto. Essas balas são de metal?”

Ah, tá... Desculpe o incômodo. Essa bomba é sua? A bazuca e o lança-foguetes também?”

“Ei, aquele sujeito está com um chaveiro! Alguém pega ele!”

## **Drogas na alfândega**

Recentemente passei pela alfândega.

O cara me perguntou:

“Alguma planta?”

“Não.”

“Álcool?”

“Não.”

E aí ele pergunta:

“Drogas?”

É assim que ele flagra alguém?

“Drogas?”

“Adivinhou... agora você me pegou.

Vai, pode abrir as algemas.

Não sei como você descobriu.

Eu não estava esperando essa pergunta.”

## **Desastre de avião**

Não sei por que as pessoas sempre reagem da mesma

forma quando ouvem falar de um desastre de avião.

“Sério? Onde?”

“Desastre de avião? Qual companhia?”

Como se isso fizesse alguma diferença...

Como se você fosse dizer:

“Ah, esse voo.

Ah, tá...

É, dá pra entender.”

Como se fosse esperado que certos aviões caíssem.

E você pensasse nisso na hora de comprar a passagem.

“Oi, por favor, esse voo costuma cair muito, né?”

“Sim, é verdade, cai mesmo.

Tem outro voo, mas nesse o avião costuma explodir na decolagem.

Mas servem lanche.”

## **Distância pelo tempo**

Dá para medir a distância pelo tempo.

“Esse lugar é muito longe?”

“Fica a uns vinte minutos daqui.”

Mas o oposto não funciona.

“Que horas você sai do trabalho?”

“Por volta de cinco quilômetros.”

## **Hotéis**

Eu gosto de hotéis porque curto sabonetinhos.

Gosto de fingir que é um sabonete normal e os meus músculos são enormes.

Outra coisa que eu fico pensando sobre hotéis:

como eles conseguem fazer o Kleenex sair da parede do banheiro?

Aquelas caixas são colocadas ali durante a construção do prédio?

Quando acaba uma delas,

é preciso quebrar a parede

para botar uma caixa nova?

Me parece trabalho demais.



Aliás, uma ótima forma de saber se o seu hotel é sofisticado, de alto luxo...

é observar se a TV é *soldada* a uma sólida viga de aço *aparafusada* à parede.

Vai ver tem gente que chega na recepção assim:

(TV debaixo do braço)

“Queria fazer meu checkout...

bem rápido, por favor.”

## **Incêndio em hotel**

Adoro aquele mapa que fica pregado na porta do quarto do hotel com instruções para caso de incêndio.

Fico lisonjeado de acharem que eu sou esperto a ponto de conseguir decorar as instruções com o quarto pegando fogo.

“Ok... à esquerda depois da máquina de gelo... depois dos elevadores.”

É claro, você chega até a metade do caminho,

se perde, tem que voltar ao quarto,

checar o mapa de novo,



e sempre está escrito assim:

“Não entre em pânico.”

O hotel está pegando fogo.

Me restam dez minutos de vida.

A opção é minha.

Nunca entrei em pânico na minha vida inteira.

Gostaria de poder viver essa experiência uma vez que seja, sobretudo se for morrer de qualquer jeito.

E, caso você seja salvo, tem a desculpa perfeita.

“Ficamos sabendo que encontraram você pelado,

balançando na cortina do chuveiro,

com o balde de gelo na cabeça.”

“Eu entrei em pânico.”

“É totalmente compreensível.”

## **Placa do Haváí**

Outro dia vi um carro com placa do Haváí.

E aí pensei: